

## NA ESCOLA SE ESTUDAM OS USOS DO ELEMENTO TIPO EM DOMÍNIOS FUNCIONAIS MORFOSSINTÁTICOS E DISCURSIVOS E SUAS POSIÇÕES/ ESCOPOS NA SENTENÇA

Josele Julião Laurentino (UFRN/ PPgEL/ Capes)<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho é fundamentado em pressupostos do funcionalismo linguístico norte-americano (cf. HOPPER, 1987, 1998; TRAUGOTT, 2010, 2014) e apresenta uma análise das funções gramaticais, morfofossintáticas e discursivas, que o elemento TIPO tem exercido no Português Brasileiro (PB) falado em Natal/RN, bem como uma descrição das posições/escopos dele na sentença. O *corpus* utilizado são 130 dados do item em questão, coletados em uma única entrevista sociolinguística, componente do Banco de Dados FALA-Natal (cf. TAVARES; MARTINS, 2014), produzidos por um falante adolescente de 16 anos. Esse item, de origem substantiva, no PB, ao passar pelo processo de gramaticalização, ganhou diversas funções no nível gramatical da língua e pode ocorrer, na sentença, em posições iniciais, lançando escopo sobre unidades maiores, ou internas, lançando escopo sobre unidades menores. Os usos do TIPO em funções morfofossintáticas e discursivas são típicos da fala diária e notáveis, com maior frequência, entre os indivíduos mais jovens. Contudo, podem ser observados também na escrita, comumente, em gêneros marcados pelo estilo informal, como *tirinha*, por exemplo, e, não raro, naqueles dos quais a juventude é o público-alvo, como *romances infanto-juvenis*. No entanto, pelo fato de não serem, em geral, contemplados pelos Livros Didáticos (LDs), tampouco pelas Gramáticas Normativas (GNs), compêndios que lançam enfoque sobre aspectos mais tradicionais da língua, acabam não sendo abordados na escola, já que as propostas e conteúdos desses materiais é que são privilegiados. Assim, o ensino de língua, no nível básico, torna-se lacunar e negligente em relação à realidade de muitos usos linguísticos, a exemplo dos aqui tratados. Distantes das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a estrutura linguística é abordada, geralmente, de maneira descontextualizada, deixando a desejar

---

<sup>1</sup> A autora é mestranda em Linguística Teórica e Descritiva, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Alice Tavares. Este trabalho consiste em um recorte da sua dissertação ainda em construção.

na formação de indivíduos competentes comunicativamente. Diante dessa problemática, fazemos algumas sugestões didáticas para professores de Língua Portuguesa do nível básico que procuram desenvolver um ensino mais dinâmico, abrangente e proveitoso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Funcionalismo norte-americano; Funções gramaticais e posições/escopos sintáticos do TIPO; Ensino.

## INTRODUÇÃO

Tomando como base os pressupostos do funcionalismo linguístico, com foco na vertente norte-americana (cf. HOPPER, 1987, 1998; TRAUGOTT, 2010, 2014), analisamos 130 dados do item linguístico TIPO quanto às funções gramaticais (morfossintáticas e discursivas) que esse item tem desempenhado na língua e às posições/escopos em que ocorre na sentença. Esses dados foram coletados em uma única entrevista sociolinguística, componente do Banco de Dados FALA-Natal (cf. TAVARES; MARTINS, 2014), produzida por um falante adolescente de 16 anos. Vejamos alguns exemplos de usos do item sob enfoque que serão tratados neste trabalho:

- 1) Mas o estilo da minha mãe, ela é meio **tipo** uma hippie chique. (Natal/RN)
- 2) Sabe, tem coisas que ele já sabe e eu não sei, **tipo** mexer no ipad, computador... ele mexe melhor que eu. (Natal/RN)
- 3) É... **Tipo** Seridó, não sei ao certo. (Natal/RN)

Os resultados da nossa análise nos mostram que o TIPO tem exercido variadas funções no âmbito gramatical, que podem ser de caráter mais textual, as quais classificamos como morfossintáticas, e de caráter mais interacional, as quais classificamos como discursivas<sup>2</sup>. Identificamos em nosso *corpus* funções

---

<sup>2</sup> Em funções morfossintáticas, o elemento pode atuar em contextos de preposição ou de conjunção, enquanto em funções discursivas atua como marcador discursivo (cf. ROMAINE; LANGE, 1991).

morfossintáticas, tais como: *comparação, exemplificação, explicação e conclusão*; e discursivas, quais sejam: *introdução fática, marcação de imprecisão informacional, marcação de elaboração, marcação de reelaboração, marcação de ênfase e marcação de sequenciação*.

Entendemos cada uma dessas funções como pertinentes a um domínio funcional distinto. De acordo com Givón (1984), a gramática é constituída por domínios funcionais distintos, cada um dos quais é codificado por uma ou mais formas gramaticais. Na proposta do autor, os domínios funcionais correspondem tanto a áreas funcionais gerais como TAM (tempo/aspecto/modalidade), quanto a áreas mais restritas, como o tempo passado, o aspecto inceptivo, a modalidade epistêmica etc. As formas codificadoras de cada domínio são funcionalmente unificadas no sentido de codificarem a mesma ou semelhante função.

Na investigação quanto às posições/ escopo na sentença, distribuimos os usos do item em estudo tomando como base dois quadros de ordenação estrutural observados em relação aos usos do LIKE no inglês, elemento que se comporta de forma semelhante ao TIPO no português, um proposto por D'Arcy (2005) e outro por Levey (2006), visto que, do que seja de nosso conhecimento, não há estudos que tratem das posições sintáticas ocupadas pelo TIPO no Português Brasileiro (PB).

Feito isso, encontramos em nossa amostra as seguintes posições previstas nos quadros dos autores apresentados: *inicial em orações matrizes; inicial em orações independentes; inicial em orações subordinadas/encaixadas, imediatamente após uma conjunção subordinativa; interna anterior a um sintagma preposicional; interna anterior a um sintagma adjetival; interna anterior a um verbo; interna anterior a um sintagma nominal; precedendo uma ideia abandonada*.

Encontramos também posições não previstas nos quadros dos autores, a saber: *inicial em orações subordinadas/encaixadas, imediatamente antes de uma conjunção subordinativa; inicial em orações coordenadas imediatamente após uma conjunção coordenativa; inicial em orações reduzidas de infinitivo; em estruturas interrompidas*.

O elemento TIPO, no PB, tem origem lexical substantiva, ora referenciando “um indivíduo esquisito”, ora “a letra impressa da máquina de tipografia”, ora “um modelo, espécie, ou exemplar” de alguma coisa, ou seja, denotando conceitos mais concretos. Vejamos, a seguir, as seguintes acepções, apresentadas pelo dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009):

**Ti.po** s. m. **1** objeto ou coisa us. para produzir outro igual; modelo. **2** categoria de seres ou objetos agrupados segundo algumas características; espécie <carros desse t. são carros> . **3** conjunto de características de uma família, povo ou região etc. <t. eslavo> . **4** GRÁF bloco de metal fundido ou de madeira, que traz em uma das faces, gravação em relevo de um sinal de escrita. **5** GRÁF caráter ('sinal'), letra **6** inform. Qualquer indivíduo; sujeito <era um t. gozador>.

No entanto, por meio do processo de mudança linguística denominado gramaticalização, que consiste em um *continuum* unidirecional, em que, lenta e gradualmente, itens lexicais ganham função gramatical e itens já gramaticais ganham novas funções gramaticais (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993), ao longo do tempo, o elemento em questão foi perdendo traços lexicais, mais concretos, e ganhando traços cada vez mais gramaticais, por sua vez, mais abstratos. Dessa forma, o item deixou de atuar, em muitos contextos, como uma palavra plena de significado, tornando-se um elemento funcional.

Segundo Carvalho (2009, p. 32), as palavras que pertencem ao léxico são aquelas que “representam o universo extralinguístico, nomeando as coisas, as qualidades e os processos”, as quais podem ser chamadas de “lexemas” ou “palavras de significação externa”. Nesse grupo estão os verbos, adjetivos, substantivos e advérbios nominais. Já as palavras que pertencem à gramática são aquelas que funcionam apenas dentro do sistema linguístico, sendo elas de significação interna ou morfemas gramaticais (preposições, conjunções, verbos auxiliares, dêiticos etc.), pois desempenham papéis de organização e estruturação interna da língua, podendo ser chamadas de “palavras ferramentas” ou “palavras instrumentais”.

Usos do TIPO como os ilustrados anteriormente, embora possam aparecer na fala de pessoas mais velhas, são muito mais frequentes na fala jovem, em situações comunicativas informais (cf. LIMA-HERNANDES, 2005). Podem ser encontrados também na escrita, especialmente em textos que buscam retratar a fala diária, por exemplo, em gêneros como *tirinhas*, ou que tenham algum traço de maior informalidade; não raro, em textos dos quais a juventude é o público-alvo, como *romances infanto-juvenis*.

No entanto, pelo fato de não serem, em geral, contemplados pelos Livros Didáticos (LDs), tampouco pelas Gramáticas Normativas (GNs), compêndios que lançam enfoque sobre aspectos mais tradicionais da língua, esses usos acabam, muitas vezes, sendo considerados “assistemáticos”, “vícios de linguagem” ou “modinha” passageira e não encontrando espaço nas aulas de Língua Portuguesa, já que as propostas e conteúdos dos referidos materiais é que são privilegiados. Dessa forma, o ensino de língua, no nível básico, se distancia das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Língua Portuguesa (PCNs), que sugerem um ensino de língua reflexivo e abrangente, que considere os usos linguísticos reais em sua diversidade; torna-se, assim, lacunar e negligente em relação a muitos fenômenos linguísticos, a exemplo dos aqui tratados.

Todavia, os indivíduos alunos/usuários da língua se deparam constantemente com usos do TIPO em funções gramaticais morfossintáticas e discursivas. Em páginas da internet, por exemplo, encontramos diversas ocorrências desse item em contextos gramaticais como os já mencionados. A seguir, apresentamos alguns textos retirados da rede social Facebook, uma das mais acessadas ultimamente:



Esse fato é motivo suficiente para que haja uma abordagem desses usos na escola. Portanto, pretendemos, com este trabalho de abordagem descritiva da língua, contribuir com subsídios para uma abordagem sintático-funcional dos usos do TIPO, nos domínios funcionais supramencionados, para professores de Língua Portuguesa do nível básico, que procuram desenvolver aulas mais dinâmicas, além de atingir os estudantes de Letras com conhecimentos que esperamos ser úteis para sua formação.

Adiante, apresentamos uma sequência de tópicos, constitutivos deste artigo, que segue a seguinte ordem: (I) Considerações teóricas; (II) Funções morfossintáticas e discursivas do TIPO e suas posições/escopos na sentença e (III) O ensino de gramática numa perspectiva funcionalista: algumas sugestões didáticas. Por último, temos as considerações finais e, em seguida, as referências.

## 1. Considerações teóricas

Este trabalho se baseia em pressupostos do funcionalismo linguístico, com foco na vertente norte-americana, teoria que concebe a língua como uma entidade social, maleável, variável e mutável, que se modela e remodela de acordo com os propósitos comunicativos de seus usuários. A gramática, nessa ótica, é dinâmica e suscetível a contínuas modificações na interação. Não se trata de um sistema fechado, acabado, mas em constante emergência e, nesse sentido, sempre em constituição (cf. HOPPER, 1987, 1998).

De acordo com Tavares (2013, p. 6), “como as experiências do falante e do ouvinte com a língua são particulares, individuais, e podem ser distintas em diversos graus, eles têm de se esforçar para se fazer entender e para tentar entender, negociando e adaptando formas linguísticas para diferentes funções”. É por meio desse movimento de negociação e adaptação que a cada dia surgem novas formas na língua para o exercício de funções/significações existentes e outras formas desaparecem, ou passam a desempenhar funções/significações que antes não desempenhavam. Nesse sentido, as estratégias e experimentos linguísticos inovadores que são bem-sucedidos vão ganhando adesão dos falantes e se rotinizando, entrando, assim, para a gramática da língua.

Daí surge o conceito de *gramaticalização*, que é o processo de mudança pelo qual os elementos linguísticos partem de contextos mais lexicais para contextos mais gramaticais<sup>3</sup>. Givón (2012[1979]), em uma perspectiva mais tradicional de gramaticalização, de forma resumida, admite, nesse processo, perda semântica lexical (“dessemantização” ou “desbotamento”), o que acarreta perda de autonomia da forma linguística e generalização de significado, além de perda estrutural (“redução”). Ou seja, nessa visão, quanto mais gramaticalizado estiver um elemento, mais fixo sintaticamente e reduzido estruturalmente ele tende a se tornar.

---

<sup>3</sup> Rever conceitos de lexical e gramatical, conforme Carvalho (2009, p. 32), na seção da introdução.

Em contraste, Traugott (2014, p. 100) afirma que “a expansão começou a ser vista como um resultado necessário da redução: se um item é ‘dessemantizado’ ou ‘obrigatorificado’, então é usado em mais e mais contextos, e também com mais frequência”. Por essa via de pensamento, a autora inclui os marcadores discursivos nesse processo de mudança, os quais se desenvolvem pelo caminho da expansão de escopo, tornando-se mais livres estruturalmente.

Embora alguns estudiosos enxerguem os itens com papéis mais interpessoais/interacionais (discursivos) enquadrados em um nível pragmático que está fora do núcleo da gramática, Traugott (2010) defende que há evidências de que os marcadores discursivos passam por mudanças típicas de gramaticalização, como decategorização (perda de características morfológicas e sintáticas da fonte), fixação e rotinização, polifuncionalidade e (inter)subjetivação. E é a esta visão que nos aliamos neste trabalho.

Enfim, em uma perspectiva funcionalista, a língua, sendo social, é heterogênea e está em constante atualização, o que requer que ela seja estudada vinculada ao seu contexto de uso, procurando-se respeitar sua natureza flexível, variável e mutável, e entender suas regras de funcionamento.

## **2. As funções morfossintáticas e discursivas do TIPO e suas posições/escopos na sentença**

Nesta seção, detalhadamente, apresentamos as funções morfossintáticas e discursivas do TIPO, identificadas em nosso corpus, cada uma acompanhada de um exemplo, e as posições/escopos desse elemento na sentença, também exemplificadas.

A partir da nossa análise em relação às funções gramaticais do elemento TIPO, identificamos que ele tem desempenhado diversos papéis, em domínios funcionais morfossintáticos e discursivos (cf. introdução). Na sequência, exemplificamos cada um desses papéis.



No domínio funcional morfossintático da *comparação*, TIPO estabelece relação de similaridade entre dois elementos e pode substituir formas a exemplo de *como*, *feito* e *igual* (cf. LIMA-HERNANDES, 2005):

(1) É, tipo... **tipo** a guerra no Iraque. Alguns cara vão pra lá, são dois exércitos americanos, eles têm que ajudar esse povo, e nesse lugar onde eles estão está tendo muitas guerras civis tal... E bombas... Alguns do grupo morre também. Poucos sobrevivem. (Natal/RN)

No domínio funcional morfossintático da *exemplificação*, TIPO introduz exemplo(s) e pode substituir a construção prepositiva *por exemplo*:

(2) Em relação a mim, são legais comigo. Eles faz de tudo que eu peço, assim, faz algumas coisas. **Tipo**, se eu pedir alguma coisa, mesmo se eles não tiver dinheiro naquele dia, mas tentam comprar alguma coisa. (Natal/RN)

No domínio funcional morfossintático da *explicação*, TIPO serve para introduzir uma justificativa, explanação ou esclarecimento em relação ao que foi dito antes e parece ser, em muitos casos, substituível pelo conector *porque* explicativo:

(3) - Você tem um melhor amigo, uma melhor amiga?  
- Melhor amiga, aqui.  
- E como é que ela é assim? Personalidade...

Legal, **tipo** conta todos os segredo pra mim, eu conto tudo pra ela... desde pequeno nós é amigo, desde que nós estudamos aqui de manhã tal. (Natal/RN)

No domínio funcional morfossintático da *conclusão*, TIPO serve para concluir uma ideia, podendo indicar traços semânticos de consequência e de resumo (exerce, neste caso, função similar ao conector *enfim*):

(4) Do respeito entre os professores, os amigos, respeito em casa, na rua, assim, **tipo** foi bem legal essa oficina. (Natal/RN)

No domínio funcional discursivo da *introdução fática*, TIPO opera como uma espécie de gatilho que aciona um novo turno de fala na interação/conversação e pode substituir expressões como *É..., Bem..., Bom..., etc.:*

(5) **Tipo**, você pega cinco ou seis palitos de coqueiro, linha... aí, papel de seda e algumas sacolas, aí depois que cobre ela toda, faz o- bota as cordas e... só ir pra algum lugar que não tenha muito fio e... e soltar lá. (Natal/RN)

No domínio funcional discursivo da *marcação de imprecisão informacional*, TIPO indica traços de incerteza ou falta de convicção e imprecisão em relação ao que está sendo dito:

(6) As salas eram grandes, mas eram- tinha muita gente numa sala só assim, tipo, uma sala do tamanho de agora, **tipo**... acho que era umas quarenta e poucas pessoas numa sala. Acho que hoje é umas trinta, umas quaren-... Não tem nenhuma sala hoje que ti- quarenta alunos. (Natal/RN)

No domínio funcional discursivo da *marcação de elaboração*, TIPO é usado como um recurso para a manutenção do discurso à medida que o falante planeja e elabora seu texto:

(7) Tem que planejar tudo... até agora, novo prefeito... vai ter que fazer alguma coisa, porque a antiga prefeita assim não fez nada pra, **tipo**... melhoras pra Natal mesmo. (Natal/RN)

No domínio funcional discursivo da *marcação de reelaboração*, TIPO tem o papel de retificar a ideia anterior:

(8) Tentaria... mudar o Brasil, tipo corrupção que tá muito... **Tipo**, não tentar mudar tudo, que eu sei que num vai tentar mudar tudo. Mas, tipo, tirar... deixar pelo menos alguns políticos Ficha Limpa. (Natal/RN)

No domínio funcional discursivo da *marcação de ênfase*, TIPO sinaliza e dá realce ao que se diz adiante (a ênfase é perceptível pela entonação dada pelo falante ao material linguístico que se segue ao TIPO):

(9) Só se fosse, **tipo**, crime cruéis mesmo, assim. (Natal/RN)

No domínio funcional discursivo da *sequenciação*, TIPO indica a continuidade do discurso, sequenciando partes do texto e mantendo um elo entre elas, e pode substituir conectores como *e* e *aí*.

(10) Mas nós teve que levar ele pro canil. **Tipo**, se ele morreu, nós num sabe. (Natal/RN)

Já em relação às posições sintáticas em que TIPO ocorre, tomando como base os quadros de ordenação estrutural, mencionados anteriormente, um proposto por D'Arcy (2005) e outro por Levey (2006), distribuimos o elemento de acordo com as posições que são exemplificadas a seguir, incluindo tanto as previstas quanto as não previstas pelos autores (cf. introdução):

- Inicial em orações matrizes

(1) **Tipo**, ele tava na faculdade, aí foi prum passeio em algum negócio de ciências. (Natal/RN)

- Inicial em orações independentes

(2) **Tipo**, foi bem legal essa oficina. (Natal/RN)

- Inicial em orações subordinadas/encaixadas, imediatamente antes de uma conjunção subordinativa

(3) **Tipo**, quando lança um filme assim... vou quase direto pro MidWay assistir. (Natal/RN)

- Inicial em orações subordinadas/encaixadas, imediatamente após uma conjunção subordinativa

(4) Ela chegou explicou que tipo... não tinha muita coisa pra fazer. (Natal/RN)

- Inicial em orações coordenadas imediatamente após uma conjunção coordenativa

(5) Existe essa lei, mas **tipo** não adianta de nada. (Natal/RN)

- Inicial em orações reduzidas de infinitivo

(6) **Tipo** deixar mais de violência e querer mais a paz.  
(Natal/RN)

- Interna anterior a um sintagma nominal

(7) Só se fosse **tipo** crime cruéis mesmo. (Natal/RN)

- Interna anterior a um verbo (ou seja, o TIPO fica entre o verbo auxiliar e o verbo principal/nuclear)

(8) Aí foi muito pro fundo, aí quando chegou lá deu câimbra na perna dele, ele ficou se bate- **tipo** se batendo, e o outro não podia ajudar (Natal/RN)

- Interna anterior a um sintagma adjetival

(9) Achei meio engraçado o melhor amigo fazer poemas pra a mulher do seu melhor amigo, **tipo** meio engraçado. (Natal/RN)

- Interna anterior a um sintagma preposicional

(10) As história **tipo** das- das origens daqui de Natal. (Natal/RN)

- Precedendo uma ideia abandonada

(11) Tipo, num tô muito esperando muito sobre o ensino médio, **tipo...**( ) Mas eu quero logo estudar assim algumas coisas. (Natal/RN)

- Em estruturas interrompidas

(12) **Tipo**, que ele foi pra uma... Tipo, ele tava na faculdade... (Natal/RN)

### 3. O ensino de gramática em uma perspectiva funcionalista: algumas sugestões didáticas

A gramática, em uma ótica funcionalista, não é concebida como uma entidade estática, homogênea e dissociada de fatores externos, conforme explicitamos na seção 1. Pelo contrário, é vista como um objeto maleável e heterogêneo, de natureza social, por conseguinte, suscetível à mudança e variação, determinado por fatores discursivo-pragmáticos. Sendo assim, a língua tem sua estrutura formada e reformada, mediante a interação dos indivíduos em sociedade, e é justamente ao propósito interacional/comunicativo que ela se presta. Como desenvolver, então, um ensino de gramática com base nessa concepção?

Se é claro que “a razão de ser” da língua é a circunstância comunicativa (interlocutores, em determinado contexto, buscando atingir determinados propósitos), que é na interação que a gramática se define, mediante necessidade expressiva dos usuários, é indispensável, em sala de aula, levar-se em conta os usos linguísticos reais, pois todos eles são legítimos e têm um motivo (sócio-discursivo-pragmático) para serem como são. Esses usos devem ser observados e avaliados, a fim de que se compreendam as regras de funcionamento da língua, condicionadas tanto por fatores internos quanto externos a ela.

Nesse sentido, o texto, em suas diversas formas de manifestação, seja na oralidade, seja na escrita, representa a unidade básica para que se pense e compreenda “o(s) porquê(s)” e “o(s) para quê(s)” das formas da língua, já que é por meio dessa unidade que os falantes se comunicam, e não por palavras ou frases soltas, descontextualizadas. Somente por meio do texto é possível estudar a gramática de maneira proveitosa, entendendo as funções que seus elementos desempenham na interação e de que forma a interação os modifica.

É importante ressaltar que, de acordo com o que propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para o ensino de Língua Portuguesa, a escola deve promover a reflexão sobre os usos da língua em suas diversas facetas, visando desenvolver a competência comunicativa dos alunos, a qual está relacionada à capacidade de adequação linguística, ou seja, a percepção de quando uma forma é conveniente ou não em determinada situação de uso. Segundo esse material,

Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita. (BRASIL, 1998, p. 21)

Essas diretrizes orientam ainda que

Toda e qualquer análise gramatical, estilística, textual deve considerar a dimensão dialógica da linguagem como ponto de partida. O contexto, os interlocutores, os gêneros discursivos, os recursos utilizados pelos interlocutores para afirmar o dito/escrito, os significados sociais, a função social, os valores e o ponto de vista determinam formas de dizer e escrever. (BRASIL, 2000, p. 21)

Ou seja, defendem um estudo contextualizado da língua, aliando-se à teoria funcionalista.

No entanto, a realidade que se revela, muitas vezes, nas aulas de Língua Portuguesa, é um ensino de gramática descontextualizado, não reflexivo, infiel aos usos linguísticos reais, ineficaz na formação de bons escritores/falantes e

leitores/ouvintes. Essa situação, provavelmente, está relacionada ao fato de os principais recursos didáticos, LDs e GNs, utilizados pelos professores, ainda serem lacunares e/ou superficiais acerca da diversidade dos usos da língua, muito presos a aspectos tradicionais. Para solução dessa questão, cabe ao docente procurar ultrapassar os limites desses materiais em busca de um ensino mais dinâmico e profícuo.

Ao se trabalhar, na escola, os usos morfossintáticos e discursivos do TIPO, considerando inclusive seu escopo sintático, por exemplo, o professor de “português” poderá desenvolver reflexões relevantes sobre a língua, tais como: (I) a possibilidade de uma forma atuar em contextos gramaticais diversos, desempenhando variadas funções e manifestando diversas propriedades semântico-pragmáticas; (II) o fenômeno da mudança linguística, mostrando que uma palavra plena, de origem lexical substantiva, pode se tornar uma palavra funcional/gramatical; (III) a questão do contexto estilístico, que constitui um condicionador dos usos do elemento, reflexão importante para o desenvolvimento da adequação linguística, e, ainda, da possibilidade de substituição do item por outras formas de mesmo valor semântico-funcional dependendo do contexto; (IV) a questão do escopo sintático, que varia a depender da função que a forma exerce, entre outros. Tudo isso contribui para a formação de falantes e escritores conscientes dos usos que fazem da língua e competentes comunicativamente. Vejamos adiante algumas sugestões mais práticas de atividades para aplicação em sala de aula:

1. O professor pode levar textos com ocorrências do elemento TIPO em funções variadas e refletir com os alunos sobre seus usos. Podem ser feitas perguntas como “Para que a palavra TIPO serve neste enunciado?”, “Que outra(s) palavra(s) poderia(m) substituí-lo?” e “O uso da palavra TIPO nesta função ficaria adequada em qualquer situação comunicativa/texto?”.



2. O professor pode pedir para os alunos procurarem as acepções da palavra TIPO no dicionário e informações sobre ela na gramática normativa ou no livro didático e confrontarem os achados com os usos encontrados em textos de circulação real.

3. Professor e alunos podem coletar amostras de fala, que contenham ocorrências do TIPO, em corpora, e analisá-las quanto a suas funções e posições/ escopos sintáticos (cf. seção 2), bem como a seus contextos de uso. Assim, eles poderão fazer associações entre as funções do elemento e suas características estruturais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Portuguesa no Brasil se baseiam numa concepção de língua como instrumento de interação, de caráter variável e mutável, que se adapta às necessidades comunicativas dos falantes. Dessa forma, defendem que, para que se formem indivíduos competentes comunicativamente, a língua deve ser trabalhada, de forma reflexiva, considerando sua natureza e seus usos reais. Este trabalho tratou dos usos do elemento TIPO em funções morfossintáticas e discursivas no PB e das suas posições/ escopos na sentença, os quais, muitas vezes, não são abordados no âmbito escolar, já que, em geral, não estão previstos nos manuais normativos e didáticos, que privilegiam os usos mais tradicionais da língua, utilizados na disciplina de “Português”. No entanto, considerando que os fenômenos linguísticos aqui tratados são reais, e por isso devem ser abordados nas aulas dessa disciplina, fazemos sugestões de aplicação ao ensino. Enfim, esperamos contribuir com subsídios para professores de Língua Portuguesa do nível básico que procuram desenvolver aulas mais dinâmicas, que ultrapassem os limites do livro didático, e atender às diretrizes que regulam o ensino de língua no país.

Além do mais, intencionamos atingir os estudantes de Letras com conhecimentos que esperamos ser úteis para sua formação.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais (ensino médio): linguagens, códigos e suas tecnologias*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.
- D'ARCY, A. *LIKE: syntax and development*. Doctoral thesis. Toronto: University of Toronto, 2005.
- GIVÓN, T. *A compreensão da gramática*. Traduzido por Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal/RN: EDUFRN, 2012[1979].
- \_\_\_\_\_. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.
- HOPPER, P. Emergent Grammar. *BLS*, v. 13, 1987, p. 139-157.
- \_\_\_\_\_. The paradigm at the end of the universe. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. (eds.). *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1998, p. 147-158.
- \_\_\_\_\_. TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LEVEY, S. The sociolinguistic distribution of discourse marker *like* in preadolescent speech. *Multilingua*, v. 25, 2006, p. 413-441.
- LIMA-HERNANDES, M. C. *A interface sociolinguística/gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2005.
- ROMAINE, S.; LANGE, D. The use of *like* as a marker of reported speech and thought: A case of grammaticalization in progress. *American Speech*, v. 66, 1991, p. 227-279
- TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança. *Interdisciplinar*, Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, v. 17, 2013, p. 27-47.
- \_\_\_\_\_; MARTINS, M. A. O banco de dados Fala-Natal: uma agenda de trabalho. In: FREITAG, R. M. (org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014, p. 63-70.
- TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization. In: JUCKER, A. H.; TAAVITSAINEN, I. (eds.). *Historical pragmatics*. Berlin: de Gruyter Moton, 2010, p. 97-126.
- \_\_\_\_\_. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. Traduzido por Gabriel de Ávila Othero e Ana Carolina Spinelli. *ReVEL*, v. 12, n. 22, 2014, p. 98-108.